

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES**

Amaranta Paz Tobar Nilo

**Arte Latinoamericana na Educação Básica:
referências presentes e ausentes em escolas estaduais em Belo Horizonte**

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de artigo apresentado ao Curso de Graduação em Teatro – Licenciatura – Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, para obtenção de título de Graduado(a) em Teatro.
Orientador(a): Prof. Dr. Vinícius da Silva Lirio

**Belo Horizonte
2025**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM TEATRO
FOLHA DE APROVAÇÃO

"Arte Latinoamericana na Educação Básica: referências presentes e ausentes em escolas estaduais em Belo Horizonte"

AMARANTE PAZ TOBAR NILO

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado, no dia **vinte e sete de novembro de 2025**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Graduação em Teatro da Universidade Federal de Minas Gerais, constituída pelos seguintes professores:

Vinícius da Silva Lirio – Orientador

Marina Marcondes Machado – Membro

Juliane Lellis dos Santos – Membro

Belo Horizonte, 27 de novembro de 2025.



Superior, em 03/12/2025, às 20:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marina Marcondes Machado, Professora do Magistério Superior**, em 04/12/2025, às 14:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Juliane Lellis registrado(a) civilmente como Juliane Lellis dos Santos, Usuário Externo**, em 10/12/2025, às 09:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4762428** e o código CRC **FB943E19**.

**Arte Latinoamericana na Educação Básica:
referências presentes e ausentes em escolas estaduais em Belo Horizonte**

Amaranta Paz Tobar Nilo¹

Orientador: Prof. Dr. Vinícius da Silva Lírío²

RESUMO

O seguinte artigo tem como objetivo trazer uma discussão sobre a importância das referências latinoamericanas nas aulas de Arte de escolas estaduais em Belo Horizonte através das experiências docentes vividas no contexto da Graduação de Licenciatura em Teatro na Universidade Federal de Minas Gerais, refletindo sobre o contexto histórico cultural que relaciona o Brasil e o resto do continente, o movimento decolonial nas práticas arte educativas e a ausência ou presença destas referências na sala de aula.

Palavras-chave: Arte e educação; Arte Latinoamericana; Educação decolonial.

RESUMO

El siguiente artículo tiene como objetivo traer una discusión sobre la importancia de las referencias latinoamericanas en las clases de Arte de escuelas estatales en Belo Horizonte a través de las experiencias docentes vividas en el contexto de la Graduación de Licenciatura en Teatro en la Universidad Federal de Minas Gerais, reflexionando sobre el contexto histórico cultural que relaciona a Brasil con el resto del continente, el movimiento decolonial en las prácticas arte educativas y la ausencia o presencia de estas referencias en la sala de clases.

Palavras-chave: Arte y educación; Arte Latinoamericana; Educación Decolonial.

Introdução

¹ Estudante da Graduação em Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

² Professor Adjunto da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), atuando nos cursos de licenciatura em Teatro, Pedagogia e no Mestrado Profissional em Educação e Docência (Promestre). Autor dos livros *Bença às Teatralidades Híbridas: o movimento cênico transcultural do Bando de Teatro Olodum* (2014), *Cartografia de Poéticas Híbridas: entre rastros de encenações à margem* (2019) e *Criar, Performar, Cartografar: poéticas, pedagogias e outras práticas indisciplinadas do teatro e da arte* (2020).

Para falar sobre mim gostaria primeiro de falar sobre a terra que me criou, pois acredito que tudo na minha vida, especialmente essa pesquisa, está relacionado com as vontades que foram semeadas no meu tempo nesse território.

Venho de Santiago de Chile, uma cidade construída aos pés da Cordilheira dos Andes, capital de um país isolado pela imensidão da natureza, cheio de contradições e num constante fluxo de transformação. Diverso, multicultural, cheio de vida.

Essa terra que me criou, é o solo fértil também de um histórico extenso de manifestações políticas, de movimentos de trabalhadores, de estudantes, de organização popular muito bem sucedida. Terra que também passou por uma das ditaduras mais violentas da América Latina nos anos 70, e que carrega até hoje as consequências dessa tragédia.

Migrei do Chile com 17 anos pela primeira vez, quando ganhei uma bolsa de estudos para uma escola internacional na Bósnia e Herzegovina, na península dos Balcãs, Sudeste europeu. Eu, nova e cheia de sonhos, indo morar tão longe mas para o continente que tinha sido idealizado pela sociedade que eu fui criada por tanto tempo, não entendia muito bem ainda as consequências que isso ia me trazer enquanto a minha própria percepção sobre identidade e como isso influenciaria nas minhas decisões, eu só estava grata por acceder a uma educação privilegiada num lugar que abriria tantas portas para mim.

Com dois anos de migração nas costas, me percebi latinoamericana. Não que eu não soubesse disso antes, porque venho de uma família que sempre fez questão de me letrar politicamente num viés anti imperialista e de alguma forma decolonizada (quando esse termo ainda não existia no nosso cotidiano); mas agora isso tinha um peso muito maior para mim.

Foi nessa época, com uns 19 anos, que decidi que estudar no velho continente (das velhas ideias também) não era para mim, porque eu precisava voltar pra efervescência dos novos pensares, do resgate ancestral, da retomada e reconectada com minha terra, e não só com aquela que me viu crescer, mas com um continente inteiro que durante esses dois anos fora me representava e acolhia de diversas formas.

Aos 21, vim morar no Brasil, graças ao PEC-G, um projeto que permite a estudantes de países em desenvolvimento fazer a graduação nas instituições públicas brasileiras. Pra mim, vindo de um país onde a educação foi privatizada e mercantilizada durante a ditadura, estudar de graça e com tanta qualidade era A grande oportunidade, sem mencionar o sem fim de atrativos culturais e artísticos que tinha como referência nesse meu imaginário sobre o que era o Brasil, o gigante da América Latina.

Eu acredito, e reconheço hoje em dia, que essa minha visão do Brasil estava muito longe da realidade de um país tão extenso e diverso como este, e que foi construída também

por uma mídia e uma relatoria que restringe a cultura brasileira a uma exotização de um sudeste litorâneo. Mas a minha maior surpresa não foi as diferenças entre o que eu imaginava que era este país e o que comecei a conhecer quando vim morar em Belo Horizonte, mas o distanciamento constante do brasileiro com nós, os “gringos” latinoamericanos que, segundo eles, tão diferentes somos.

Atualmente, se fazem 6 anos desde que botei meus pés nesta outra terra, pra me formar academicamente e expandir meus horizontes, e nesse tempo todo, só consigo pensar em como esse Brasil, nos meus olhos, não pode ser nada fora Latinoamericano, e como isso para mim parece um pensamento óbvio e evidente, mas para a maior parte da população, não é sequer uma coisa a ser pensada.

Quando acostumo trazer essa discussão, a primeira argumentativa que encontro é que o Brasil, pela colonização portuguesa, não consegue se aproximar ao resto dos países pela diferença de idioma, mas na minha experiência como artista tenho percebido o quanto o idioma que falamos é insignificante quando compartilhamos cultura, música, dança, comida e outras experiências coletivas.

É por isso, que me pergunto como, através da arte educação, podemos aproximar essas relações e referências desde a escola, para aos poucos ir desintegrando o discurso separatista que só nos enfraquece e limita. No meu imaginário da unificação latinoamericana, nosso continente contém absolutamente tudo para viver em plenitude sem a necessidade das intervenções estrangeiras (que sabemos não valorizam nossos saberes, nem priorizam o nosso bem estar nem o cuidado do nosso território) e frente ao estado do mundo que vivemos, precisamos fortalecer as relações e as ideias que nos aproximem e nos valorizem.

Pretendo com a seguinte pesquisa então, refletir e analisar através das minhas experiências acadêmicas na Licenciatura em Teatro, nos estágios e PIBID, possibilidades para entender (e num futuro construir) um modelo de ensino artístico decolonial e latinoamericano, onde a educação pública seja responsável também pelo fortalecimento da identificação dos brasileiros como parte deste continente não só de forma geográfica, mas enquanto a produtores e criadores de cultura latinoamericana.

A seguinte pesquisa tem como objetivo trazer uma discussão para o ambiente acadêmico e docente sobre a necessidade de sair da educação colonial hegemônica. A ideia é refletir sobre a importância de ter referências latinoamericanas dentro da sala de aula. Procura, diretamente, colocar uma pauta sobre conteúdos que representem e diversifiquem os conhecimentos artísticos ofertados na escola, mas indiretamente, fomentar uma movimentação e articulação política e ideológica onde a escola seja um lugar no qual os

estudantes se identifiquem com seu território e o continente que habitam (e os habita), pensando na unificação continental e o fortalecimento da autoestima através da identidade e a valorização das produções artísticas latinoamericanas.

Contexto histórico

O seguinte tópico traz um entendimento, de um ponto de vista histórico, sobre a construção de identidade no Brasil em relação à América Latina, para assim ter uma panorâmica de marcos, pensamentos e movimentos que possam nos ajudar entender o distanciamento da identidade latinoamericana no Brasil. Ainda que, segundo está disposto na Constituição de 1988, em seus princípios fundamentais, “a República Federativa do Brasil buscará a integração econômica, política, social e cultural dos povos da América Latina, visando à formação de uma comunidade latino-americana de nações.” (Brasil, 1988).

Primeiramente, é importante delimitar o que me proponho a entender como “identidades latinoamericanas”, considerando identidade cultural como uma construção de características em comum que nos diferenciam do *outro* e que representam um grupo/comunidade específica (Silva, 2000). Identidades latinoamericanas seriam uma sensação de identificação e pertencimento a um território continental -geograficamente organizadas a partir do México até a Patagônia - onde diversas culturas coexistem e mantêm elementos em comum, independentes dos seus processos de colonização e suas heranças das culturas ibéricas, Espanha e Portugal. Faço essa distinção para não simplificar os possíveis motivos de distanciamento cultural no Brasil e no resto do continente, que segundo Dorella (2010, p. 3),

[...] diversas vezes não são consideradas as múltiplas referências culturais que compuseram a América Latina –indígenas, africanas, orientais, européias, além das ibéricas –e como essas misturas provocaram organizações sociais distintas. Dessa maneira, as reflexões sobre a América Latina no Brasil, em muitos momentos, resume-se a análises sobre as suas raízes ibéricas.

Esse conceito de identidades latinoamericanas - no plural já que são múltiplas e diversas, ainda que familiares - corresponde a um viés de pensamento que está em constante mudança e questionamento, de modo que acredito que seja relevante manter essa discussão. Nesse sentido, vou delimitar esse conceito a fim de aprofundar a pesquisa sobre educação e arte.

Existe uma cronologia de correntes ideológicas e políticas que demarcam a percepção do Brasil em relação ao resto do continente. Num primeiro momento, observamos que, nos processos colonizadores do século XVI, já existia um forte distanciamento entre as coroas espanhola e portuguesa e suas relações e projeções para o território. As colônias já começaram com um processo de separação e ameaças.

No império, por exemplo, negava implicitamente a identidade sul-americana (ou mesmo americana) do país. O discurso oficial sobre a identidade brasileira procurava apresentá-la como um império que, ainda que tropical e distante, se assemelharia mais às monarquias europeias e seria, assim, essencialmente distinto de seus vizinhos. (Villafañe, 2014 apud Tancredi, 2016, p. 14)

Porém , quando as estruturas coloniais começaram cair e os movimentos de independência da América hispano colonizada avançaram, o Brasil teve outro desenvolvimento da sua história, se mantendo como um império unificado, sem cortar seus laços com a coroa e mantendo seu regime escravocrata, o que também gerou repercussões nos países vizinhos. “Este contexto serviu para alimentar certa discriminação do Brasil em relação a estas nações vizinhas que nasciam: o Brasil, politicamente estável e ‘civilizado’, considerava as repúblicas latino-americanas ‘violentas, extremamente instáveis e ‘bárbaras’”. (Bethell, 2009; Milani, 2014 apud Tancredi, 2016, p.14).

Existindo esse pensamento por parte do Brasil em relação ao resto do continente, os movimentos de independência também foram criando desconfiança frente ao Brasil, por não participar dos movimentos de libertação. Dessa forma, o Brasil passou a ser “[...] deixado de fora dos projetos integracionistas da região, inclusive por Simon Bolívar, figura de extrema importância tratando-se das independências das ex-colônias espanholas” (Bender et al., 2014; Santos, 2012 apud Tancredi, 2016, p.14).

Nesse contexto, o Brasil idealizado pelas elites no período colonial e imperial esteve mais ligado a uma aproximação de um ideal europeu, de semelhanças culturais, mantendo-se alheio ao resto do continente. Mais tarde, com a construção da república, o país se caracterizou por um elemento que podemos pensar como predominante até os dias atuais, o nacionalismo. É através também das ideias nacionalistas, que o projeto colonial do Brasil continuou se mostrando desinteressado por estabelecer proximidade com seus países vizinhos, considerando muitas vezes os outros como inferiores frente às glórias e honras brasileiras. Nesse cenário, “o nacionalismo, ao considerar a língua, a cultura e a religião como os

principais identificadores da nação, percebia a América Hispânica como uma ameaça às especificidades brasileiras” (Dorella, 2010, p. 8).

Apesar desse histórico que tem distanciado as relações entre o Brasil e seus vizinhos continentais, nas últimas décadas, podemos observar que o discurso da integração latinoamericana tem se feito mais presente no Brasil, especialmente através de políticas que fomentem as trocas e os desenvolvimentos das sociedades, como a criação dos tratados como MERCOSUL (Mercado Comum do Sul), UNASUL (União de Nações Sulamericanas) e CELAC (Comunidade de Estados Latinoamericanos e Caribenhos). Além disso, nos últimos anos o pensamento latinoamericanista tem se fortalecido frente ao que parece nos unir como continente, os inimigos imperialistas.

Nesse caso, as potências do norte global, sejam europeias ou norte-americanas, têm se mostrado sempre interessadas em intervir nas decisões dos países latinoamericanos para estabelecer controle e isso ficou muito mais evidente na instalação das ditaduras, entre os anos 1960 e 1980, quando os Estados Unidos organizou e desestabilizou diversos países do continente para poder se estabelecer como referencial cultural e econômico em seus territórios - o Brasil não foi exceção.

Este resumo pretende ajudar a entender qual o contexto por trás desses distanciamentos identitários. Porém, vale ressaltar que eles se restringem a decisões tomadas pelas elites dos países, que lideraram também os movimentos de independência, os triunfos militares e os reconhecimentos literários. Diante do que, eu gostaria de chamar atenção aos movimentos contemporâneos que se espelham e se referenciam entre si, como, por exemplo, os movimentos negros latinoamericanos, que apesar de terem tamanhos e histórias diferentes, mantém uma luta unificada antirracista e de reivindicação de direitos no continente inteiro; também os movimentos indígenas, que são abundantes e diversos nos territórios, mas que se unificam na luta das demarcações através da lei, do respeito e valorização dos saberes tradicionais, na defesa das vidas e tradições indígenas.

Dessa maneira, minha ideia, quando penso nessas “identidades latinoamericanas” não é apagar nossas diferenças nem simplificar um conceito tão complexo, mas expandi-lo a um reconhecimento de que existem familiaridades e histórias que nos conectam, além dos idiomas impostos ou dos processos de colonização que separaram as terras. Existem matrizes culturais que nos atravessam e se transformam de país em país, mas que, ainda assim, conseguimos reconhecer como familiares. Formas de pensar, de se mover, de falar, de existir, de produzir arte e cultura.

Acredito que seja importante, também, mencionar que o que eu apresento aqui como um problema - a falta de identificação e referências latinoamericanas no Brasil - não considero exclusivo do Brasil. Existe no mundo contemporâneo, nesse território globalizado e neo-colonizado, uma constante negação à valorização da produção local e uma admiração do que é produzido pelo norte global, a famosa “síndrome de vira lata”, que acredito que possa ser atribuído a quase todos os países do nosso continente, já que é uma consequência de séculos de colonização, imperialismo e invasão.

Para finalizar esta contextualização, gosto de pensar que todos os fatos aqui expostos são faíscas para pensarmos num futuro de reconhecimento como semelhantes, não iguais, mas semelhantes que podem se unificar para se fortalecer. É neste ponto que considero importante pensar no tema da minha pesquisa, a necessidade de conhecer referenciais latinoamericanos na escola e como isso pode ecoar para a construção de identidades de uma forma mais pluriversal, com referências mais próximas ao invés das que são tradicionalmente ensinadas, correspondentes aos eixos Norte-América/Europa.

Com isso no horizonte, no tópico a seguir reflito sobre arte, educação e o movimento decolonial latinoamericano e as relações com a academia e as práticas docentes.

Arte latinoamericana e educação decolonial

“[...] O jovem brasileiro sai da escola tendo aprendido tudo sobre a história e a cultura europeias, mas nada sobre o restante da América Latina”.
(Prado, 1983 apud Dorella, 2010, p.16)

Historicamente, temos observado e participado de um ensino com foco eurocêntrico, reforçando narrativas e ideias que nos mantém numa posição de observadores e apreciadores dos modos de criar do eixo norte ocidental (Europa e Norte-América). Na atualidade, um dos movimentos que questiona e contraria essa hegemonia é o da decolonialidade.

A perspectiva decolonial preza pelo resgate e protagonismo de valores, cosmologias e práticas pertencentes às populações que foram colonizadas e mantidas à margem da construção das nações. No caso da América Latina, procura valorizar e priorizar os saberes dos povos indígenas, afro diaspóricos e mestiços marginalizados. (Walsh, 2013)

Na educação, faz referência a descentralização de um olhar eurocêntrico tanto nos conteúdos, quanto na forma em que se ensina e se estabelecem as relações nas comunidades de aprendizagem. Nesse sentido é que Luiz Rufino (2021, p. 17) propõe:

A educação como descolonização está implicada a uma política de vida, ou seja, tem seus atos focados em contrariar os ditames da agenda dominante. A educação diz acerca de práticas cotidianas; pertencimentos coletivos; fortalecimento comunitário; ética responsiva; aprendizagens; e circulação de conhecimentos que reposicionem e vitalizem os seres atravessados pela violência colonial.

As fundamentações voltadas para o ensino de Arte , como relata Ana Mae Barbosa (2018), foram feitas por estrangeiros que imprimiram suas visões sobre arte nas escolas, formas que até hoje são a norma na maioria das escolas no Brasil. Segundo ela,

nos anos 70 no Brasil nosso sistema de ensino da arte foi desenhado pela universidade de São Diego, nos anos 90 por um espanhol que nunca viveu no Brasil e agora voltamos a ser dominados por bancos e outras corporações que pressionam o Ministério da Educação a eliminar as Artes do currículo das escolas públicas. (Barbosa, 2018, p.14)

A hegemonia do ensino impulsionada pela crença imposta nas escolas de que existe uma história universal a ser ensinada, tem invisibilizado e ignorado as diversas formas de produção de conhecimento existentes no resto do mundo, especialmente as epistemologias do Sul³ que incluem as dos nossos próprios territórios. O que é considerado digno e valioso de ser aprendido/ensinado, é consequentemente o que beneficia e mantém as estruturas de poder que tem nos oprimido e colocado como sujeitos inferiores por séculos.

As escolhas curriculares não têm a ver só com o conteúdo que se ensina, mas o que ele simboliza para a formação do pensamento crítico dos estudantes e da identificação com o que é apresentado como material de aprendizagem. Se as aulas de arte na escola são responsáveis por oferecer experiências estéticas e entendimento do mundo através disso , o que estamos oferecendo enquanto conteúdos e referências?

Manter uma educação eurocêntrica só reforça uma noção de inferioridade, ao invés de promover o fortalecimento da autoestima, do reconhecimento de si mesmo na arte, da valorização da produção da arte local, entre outras coisas. De acordo com Moura (2020, p. 37),

há uma construção narrativa em livros e imagens que contribui para perpetuar as heranças coloniais e deserdar outras epistemes, que impregnaram os olhares e deram aparência natural ou necessária à civilização/modernização através de atrocidades como a escravização de índios [indígenas] e de negros por toda a América Latina. O poder da

³ Conceito difundido por Boaventura (2009) que se refere aos conhecimentos das culturas não hegemônicas que passaram por processos de colonização e invisibilização, epistemologicamente marginalizadas. Uso este conceito para me referir aos conhecimentos pertencentes às culturas que habitam o território latinoamericano e têm sido historicamente ignoradas pela academia.

imagem de fixar nas mentes as ideias e os ideais europeus foi explorado com grande competência pelo chamado primeiro mundo, de forma que até hoje os referenciais, seja de bom ou de belo, nos remetem ao que é externo e, quase nunca, ao que é próprio.

Nesse contexto, podemos pensar o movimento de uma educação decolonial como possibilidade para transgredir as ordens hegemônicas da educação, que fica ainda mais evidente na Arte, onde predomina o ensino dos movimentos artísticos europeus, as produções de artistas pertencentes às elites, etc. Nesse sentido,

O (re)pensamento crítico decolonial nos processos de produção de conhecimentos trata de romper com os universalismos alienantes e traz à pauta, pela análise crítica, os binarismos modernos que inundam as academias: norte/sul, ocidente/oriente, colonizador/colonizado, rico/pobre, alta cultura/baixa cultura, branco/negro, homem/mulher, ciência/arte. Por outras vias, trata de pensar co-existências – de mundos, de conhecimentos, de lugares, de povos, de ciências, de artes, de culturas, de pensamentos – problematizando as hierarquias, legitimando processos anti- hegemônicos, imaginando entrelugares e multiformas de produzir conhecimentos. (Moura, 2020, p. 39)

Um dos principais desafios da educação decolonial, neste momento, se encontra na educação superior, onde os estudantes em preparação para ser professores raramente se encontram com materiais e referências que possam ajudar eles implementar aulas com um maior repertório latinoamericano, como tem sido a minha experiência na formação em licenciatura em Teatro da UFMG, por exemplo. É nesse ponto que chamo atenção as universidades e aos professores-pesquisadores, para que o pensamento decolonial educacional se perceba latinoamericano e traga os conhecimentos do nosso continente à frente, para que as próximas gerações de docentes possam se empoderar e consigam levar outras referências e criar metodologias pluriversais para as salas de aula.

Silestre (2018, p. 20) afirma que,

diante desse cenário, cabe ao professor de Arte buscar algumas estratégias para tratar do tema, principalmente por meio de um estudo interdisciplinar, pois é possível abordar a arte latino-americana mostrando mapas para contextualizar seus territórios; identificando os países que compõem a América Latina; abordando costumes e tradições, relacionando-os, a fim de identificar similaridades e diferenças entre países latino-americanos e estrangeiros; discutindo sobre as obras, analisando elementos pictóricos, que trazem a identidade latino-americana – símbolos latinos que dão significado às obras; enfim, contextualizar esse continente que, apesar de ser onde os estudantes vivem, provavelmente, pouco o conhecem.

Existem, na atualidade, alguns exemplos sobre possibilidades de cursos superiores e instituições educacionais com foco decolonial latinoamericano no Brasil, como, por exemplo, alguns cursos da Universidade de Integração Latinoamericana (UNILA), em Foz de Iguaçu,

caracterizada por manter um corpo docente plurinacional, ofertar matérias interdisciplinares, trazer diferentes idiomas e culturas para a sala de aula e formar professores com um repertório mais amplo que o tradicional. Como mencionado por Gabriela Miola (2019, p. 470), docente da instituição, “a UNILA tem como missão formar recursos humanos aptos a contribuir com a integração latino-americana, com o desenvolvimento regional e com o intercâmbio cultural, científico e educacional da América Latina, especialmente no Mercado Comum do Sul”.

Existem também núcleos de pesquisa e agrupações, como o Conselho Latino Americano de Educação pela Arte (CLEA), no Rio de Janeiro, que produz materiais de divulgação de pesquisa e organiza eventos para se pensar a educação artística em conjunto com outros docentes latinoamericanos, como uma forma de construção coletiva. Imagino que como nos exemplos mencionados anteriormente, existem outras formas de resistência e criação com o mesmo foco, que espero sejam divulgadas e valorizadas mais amplamente. Vejo, dessa forma, a mudança no ensino superior como uma primeira etapa para começar a amplificar as possibilidades de ensino, formando professores com repertórios diversificados em arte latinoamericana.

Paralelamente, na prática nas escolas, considero importante olhar para metodologias que já são desenvolvidas pelos docentes que se interessam por mecanismos decoloniais no ensino de Arte, como aqueles que trabalham com a implementação da Lei n.º 11.645/2008⁴ nas escolas. Penso que é importante olhar para esses docentes como fontes de inspiração para ampliar essas pesquisas e práticas a possibilidades que integrem outras referências do continente, em conjunto as referências afro-diaspóricas e indígenas no Brasil. Nesse caso, as práticas docentes que tenho acompanhado nas escolas da rede estadual de Belo Horizonte, através de projetos e matérias que fazem parte da minha formação na Licenciatura em Teatro, têm me feito acreditar que o objetivo não está tão distante, ele só precisa ser percebido com mais frequência e discutido em maior escala.

Acredito que seja importante e urgente que os conteúdos nas aulas de artes sejam “latinoamericanizados” porque eles ajudam os estudantes a se sentirem mais próximos à própria cultura e, portanto, valorizados. Considero que é benéfico para o nosso continente que as nossas infâncias se olhem com respeito e admiração desde a tenra idade, independente do

⁴ Lei Nº 11.645/2008 - “(...) incluir no curriculum oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira e indígena”. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=11645&ano=2008&ato=dc6QTS61UNRpWTcd2>

país ou a língua que se fala, já que isso fortalece nossas relações e cria um solo fértil para um futuro mais pluriversal, diversificado e emancipatório.

Considerando essa perspectiva, no tópico seguinte, trago as informações coletadas através da minha experiência sobre a docência e a sua relação com o ensino de Arte Latinoamericana, baseada nas vivências em projetos e práticas da graduação de Licenciatura em Teatro, na UFMG.

Latinoamerica na Aula de Arte

Durante a minha trajetória como estudante de Graduação em Licenciatura em Teatro na Universidade Federal de Minas Gerais, tive a oportunidade de acompanhar diversos docentes nas suas práticas nas escolas. Primeiramente, através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), do qual participei em 2022 no subprojeto Interartes, e estou participando pela segunda vez, atualmente, no subprojeto do PIBID Teatro. Além disso, através das matérias de estágio obrigatórias da Licenciatura também tive a oportunidade de acompanhar professores de Ensino Fundamental e Ensino Médio da Rede Estadual de Belo Horizonte. Todas as minhas experiências docentes até o momento têm se dado na rede pública, em escolas estaduais de diversas regiões da cidade, incluindo a região central - e áreas periféricas.

Neste tempo, tenho observado como os docentes desenvolvem suas pesquisas e como organizam e preparam suas aulas, muitas vezes com apoio dos livros didáticos utilizados em cada escola e seguindo, geralmente, as áreas onde cada um se desenvolve, sendo a maior parte voltada para as Artes Visuais.

Nessas experiências que me aproximaram a docência, observei a predominância do ensino de história da arte, em geral, tendo aquelas europeia e norte-americana como referenciais primeiras. Ao mesmo tempo, consegui ver alguns docentes se esforçando em trazer referências brasileiras, especialmente nos contextos da arte contemporânea, mas raramente observei referências latinoamericanas de outros países sendo utilizadas no ensino, pelo contrário, foram contextos onde isso foi maioritariamente inexistente.

Como discutido anteriormente, entendo que esta carência tenha a ver com um distanciamento cultural fundado desde os tempos coloniais em que a educação se estabeleceu com um sistema de verdade única, na qual observamos e aprendemos o modo de fazer eurocêntrico, sem olhar para a nossa riqueza cultural, perdendo a oportunidade de estabelecer vínculos entre países vizinhos e suas formas de pensar, existir, criar e reconhecer o valor nas

percepções e produções dos nossos territórios . Percebi, também, nas minhas conversas com os docentes, que a maioria tinha alguma abertura ou interesse por trazer mais desses referenciais do Sul, porém nem nos livros didáticos há algum apoio teórico para se referir a essas temáticas, o que os deixa inseguros frente a possibilidade de ensinar sobre algo que desconhecem.

Para transcender a essa lógica, indo ao encontro do que sugere Rufino (2021), entendo que seja necessário também que as instituições de Ensino Superior possam ter currículos mais abrangentes e que as perspectivas latinoamericanas decoloniais ocupem um lugar maior nos cursos de Arte.

Na minha experiência na graduação em Teatro, tive poucas disciplinas ou espaços que se interessassem ou focassem numa perspectiva latinoamericana da Arte. Não existe nenhuma matéria sobre Teatro Latinoamericano (sem ser brasileiro). As perspectivas decoloniais começaram a fazer parte do curso recentemente, o que acredito já estar impactando fortemente nas pesquisas sendo desenvolvidas pelos estudantes do curso. Falo isto como uma crítica à instituição, mas também como uma sugestão para abrir os caminhos e pensar em atualizar as áreas que a academia e quem pensa a formação do/a artista-docente considera importantes, já que, como eu, há muitos outros alunos/as que sentem falta de referências e abordagens que contribuam para que possamos ser professores com perspectivas e propostas metodológicas com enfoque decolonial e latinoamericano.

Apesar dessa carência institucional, acredito que existam formas de desenvolver pesquisas autônomas para trabalhar em sala a partir de outras perspectivas. Gostaria de trazer como exemplo, a pesquisa de uma das docentes-supervisoras que acompanho no PIBID, a profa. Vanessa Damásio, que desenvolve metodologias antirracistas através do ensino do Pan-Africanismo⁵. Por enquanto ela trabalha por meio da referência do Reggae e da filosofia Rastafari, que começa na Jamaica, mas encontrou um lugar importante no Brasil.

Vanessa é a professora de Arte na Escola Estadual Aarão Reis e é a professora que tenho acompanhado neste ano através do PiBID. Em sua pesquisa, intitulada *Enegrecendo as narrativas escolares por meio da cultura Rastafari*, ela tem se proposto a trabalhar com o reggae em turmas do segundo ciclo do ensino fundamental, alinhando com a investigação de Mestrado que desenvolve na linha de Artes, Filosofia e Resistências, no Mestrado Profissional Educação e Docência (PROMESTRE/FaE/UFGM). Na escola, estudantes do 7º e 6º anos do Ensino Fundamental, na sua maioria negros e habitantes de uma área periférica de Belo

⁵ Movimento filosófico, político e cultural que defende a unificação e colaboração entre as pessoas africanas e afro-diaspóricas.

Horizonte, aprendem sobre as fundamentações e o contexto da cultura Rastafari, seu vínculo com o Pan-Africanismo e como isso, hoje, se vincula com a cultura do Reggae Brasileiro, até em termos de conexão com a negritude afrodiaspórica no país.

Da mesma forma que a pesquisa dessa professora cria uma relação entre identidade, território e arte, acredito que as identidades e outras referências latinoamericanas poderiam ser trabalhadas, abordando diversas manifestações culturais, ritmos musicais, movimentos artísticos que permeiam diferentes países da América Latina. Uso a pesquisa da Profa. Vanessa Damásio como exemplo porque tenho observado e participado do processo de aprendizagem dessas crianças e de como elas vão estabelecendo vínculos entre a África, a identidade diaspórica africana, a cultura Rastafari, o reggae, e o território brasileiro e outros elementos de crítica social através do protagonismo da resistência negra pertencente ao movimento Pan-Africanista. Penso que se esses caminhos existem para uma pedagogia antirracista e decolonial, podemos expandir essas possibilidades metodológicas para as nossas referências continentais também. A exemplo, se quiséssemos continuar na linha de abordagem do Reggae, seria possível trazer a sua instalação nos diversos países da América Latina como cultura de resistência.

Percebo ainda como falar sobre essas referências que permeiam o território latinoamericano pode existir através do estudo de manifestações populares de outras regiões do Brasil, como, por exemplo, as proximidades culturais entre manifestações populares do Norte brasileiro (como nos estados do Pará, Amazonas e Amapá) com o resto do continente. Numa viagem recente a Belém-PA, percebi diretamente como as pessoas citam referências de músicas e danças dos países vizinhos (Colômbia, Venezuela e outros países caribenhos) para falar sobre a própria cultura e os elementos artísticos da cultura paraense, reconhecendo com naturalidade a influência e as trocas que se mantêm até hoje através da divulgação da arte e da cultura na região amazônica e caribenha⁶. Nessa viagem, ficou evidente para mim que existem, sim, essas pontes e que elas podem ser aproveitadas para trazer esses conhecimentos, essas referências e essas culturas para as escolas.

⁶ Essas trocas se deram de forma orgânica com diferentes pesquisadores musicais, artistas e pessoas da cidade, ao se referir a ritmos como o Carimbó, o Brega, a presença marcante da Cumbia, o Merengue, dentro de outros ritmos e formas de dançar.

Considerações Finais

Diante todos os pontos que têm sido levantados nesta pesquisa, gostaria de concluir reforçando a importância e necessidade de diversificar e ampliar os conteúdos e as abordagens nas aulas de Arte nas escolas estaduais de Belo Horizonte. Não por uma simples vontade, mas pela falta de um ensino que se proponha decolonial, com enfoque nas referências regionais e continentais, que fortaleça as conexões culturais entre o Brasil e o resto do continente e se enriqueça através da diversidade e as similitudes artísticas.

Penso neste artigo como um impulsionador para que outros pesquisadores e docentes reflitam sobre a importância das referências latinoamericanas na sala de aula e como podemos construir materiais pedagógicos que auxiliem os nossos colegas para sentir segurança e autonomia na hora de trazer essas novas referências, com um enfoque decolonial, anti racista e politizado. Assim, acredito, construiremos um futuro onde os/as estudantes brasileiros possam se identificar como latinoamericanos através da cultura e ter um olhar crítico frente às estruturas que tentam manter narrativas de poder que nos oprimem e não dão o devido valor para as referências e produções do nosso continente.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Arte/Educação ou Educação Artística na América Latina**. In: QUEIROZ, João Paulo; OLIVEIRA, Ronaldo Alexandre de (org.). **Arte e Ensino: propostas de Resistência**. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA), 2018. p. 11– 21. Disponível em:

<https://repositorio.ulisboa.pt/handle/10451/37126>. Acesso em: 10 de outubro 2025

DORELLA, Priscila. **Obstáculos à Constituição de uma Identidade Latino-Americana no Brasil**, em Sílvio Júlio de Albuquerque Lima. Escritas, Palmas, vol. 2, 2010.

<https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/escritas/article/view/1288> Acesso em: 8 de outubro 2025

MIOLA, Gabriela Canale. **Navegar entre fronteiras: apontamentos sobre o Ensino de Artes Visuais na Universidade Federal da Integração Latino Americana**. Revista GEARTE, [S. l.], v. 6, n. 2, 2019. DOI: 10.22456/2357-9854.92893. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/92893>. Acesso em: 10 de outubro 2025

MOURA, Eduardo Junio Santos. **ARTE/EDUCAÇÃO DECOLONIAL na América Latina**. Cadernos de Estudos Culturais, Campo Grande, v. 1, n. 21, p. 1-20, 10 fev. 2020. DOI:

<https://doi.org/10.55028/cesc.v1i21.9689>. Disponível em:

<https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/9689>. Acesso em: 5 de outubro 2025

RUFINO, Luiz. **A gira descolonial: para os campos de batalha e a sereia no mar**. In.: RUFINO, Luiz. **Vence-demanda: educação e descolonização**. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina/CES, 2009. Disponível em:
<https://www.iciet.fiocruz.br/sites/www.iciet.fiocruz.br/files/Epistemologias%20do%20Sul.pdf> Acesso em: 5 de novembro 2025.

SELISTRE, Jacks Ricardo. **A relevância do ensino da arte latino-americana**. In: CUNHA, Gládis Franck da; ROSSI, Maria Helena Wagner; PAGOT, Suzana Maria Lain (orgs.). **Retratos de uma trajetória: Pibid/UCS – 2014 a 2018**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2018. p. 9–10. Disponível em:
https://www.academia.edu/75062766/A_Relev%C3%A2ncia_Do_Ensino_Da_Arte_Latino_American_a?email_work_card=view-paper. Acesso em: 3 de outubro 2025

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Produção Social da Identidade e da Diferença**. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73-102. Acesso em: 5 de novembro 2025.

TANCREDI, Letícia. **A dificuldade de incorporação da sociedade brasileira a uma identidade latino-americana**. Revista Contexto Internacional. n.41, p. 12-19, 2016.
https://www.academia.edu/26092900/A_dificuldade_de_incorpora%C3%A7%C3%A3o_da_sociedade_brasileira_a_uma_identidade_latino_americana Acesso em: 15 de outubro 2025

WALSH, Catherine (Ed.). **LO PEDAGÓGICO Y LO DECOLONIAL: Entretejiendo caminos**. In: WALSH, Catherine (Ed.) **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, p. 11-36, 2013. Disponível em:
<https://agoradeeducacion.com/doc/wp-content/uploads/2017/09/Walsh-2013-Pedagog%C3%ADas-De-coloniales.-Pr%C3%A1cticas.pdf> Acesso em: 8 de novembro 2025